

Data: 11.06.2020

Titulo: Portugal pode perder o medo da covid-19, mas não pode perder o controlo

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 26;27



Portugal pode perder o medo da covid-19, mas não pode perder o controlo

Relvado do jardim das Ondas, no Parque das Nações, em Lisboa, foi marcado com círculos brancos para que cada família possa ocupar o seu lugar a uma distância de segurança



Área: 1287cm² / 69%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6866756

O aumento de novos casos confirmados em Portugal é ligeiro e, para o virologista Pedro Simas, “não só é expectável como inevitável”. Mais importante do que isso é manter a epidemia controlada e proteger os grupos de risco

Andrea Cunha Freitas

O aumento de novos casos nos últimos dias em Portugal quer dizer que o país está a perder terreno na luta contra a covid-19? Não necessariamente. Apesar de a curva epidémica continuar a subir dia após dia, cair na tentação de comparar Portugal com outros países numa altura em que o vírus está a “sofrer” as consequências das medidas de “anticontágio” pode ser imprudente e precipitado. É cedo para tirar conclusões da evolução da pandemia, para respirar de alívio ou gritar por socorro, mas também não é a altura ainda para “perder o controlo” e abandonar as medidas de protecção, pondo em risco os mais vulneráveis. Este próximo fim-de-semana, que se junta a dois feriados, compondo umas miniférias para muitos portugueses que optaram por uma conveniente ponte, pode ser uma importante prova dos nove.

“Não tirem o pé do acelerador” nas medidas de combate ao vírus. O aviso veio esta semana do director-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Ghebreyesus, e é dirigido a todos os governos. Pedro Simas, cientista do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes (em Lisboa), subscreve o conselho e acrescenta que o maior risco que os governos actualmente enfrentam (se tirarem subitamente o pé do acelerador) é o de “perder o controlo” da epidemia.

“A forma como vamos tirar o pé do acelerador vai determinar se vamos ter descontrolo ou não”, reformula. A verdade é que à medida que o tempo passa torna-se cada vez mais claro que será difícil travar o processo de desconfinamento em curso. “As pessoas querem seguir com a sua vida. Isso vai ser muito difícil de controlar. Mas há uma coisa que podemos con-

trolar: é proteger os grupos de risco. Já temos as ferramentas e o conhecimento para o fazer, resta saber se as vamos saber usar”, afirma o virologista. Os telejornais já não abrem todos os dias com o número de mortes. As pessoas parecem estar a perder o medo. Não podemos, porém, dar um passo atrás. Portugal pode até perder o medo da covid-19, mas não pode perder o controlo da situação, avisa o especialista.

Medidas “inteligentes”

Mas estará Portugal já num mau caminho com o aumento do número de novos casos, sobretudo na região de Lisboa, nos últimos dias? Pedro Simas prefere “esperar mais um bocadinho” antes de interpretar os dados mais recentes sobre a situação epidemiológica no país como o início de uma perigosa derrapagem. “É muito cedo”, sublinha, considerando que, mais do que um diagnóstico aterrador ou um prognóstico assustador, o que o país precisa neste momento é de “medidas inteligentes”. Como por exemplo? “Temos de desconfinar, mas com uma grande preocupação em proteger os grupos de risco. É nisso que temos de nos concentrar. Essas pessoas têm de se proteger e nós também temos de as proteger”, diz. A solução não passa por fechar os mais velhos em lares e isolá-los, apressa-se a esclarecer, mas em tomar uma série de medidas de vigilância e cuidados especiais – como testes e outro tipo de acções – que garantam a sua protecção.

“

As pessoas querem seguir com a sua vida. Isso vai ser muito difícil de

controlar. Mas há uma coisa que podemos controlar: é proteger os grupos de risco

Pedro Simas

Virologista

Portugal só perde terreno na luta contra a covid-19 se perder o controlo, insiste. E há alguns testes ao virar da esquina que podem ser importantes para decidir a evolução da situação no país. Este próximo fim-de-semana, por exemplo, que para muitos portugueses se juntou a dois feriados numas miniférias pode mostrar se o nosso desconfinamento está a ser bem feito ou mal feito. “Se desconfinarmos bem, estamos a resolver uma parte muito importante do problema. Estamos a construir de uma forma natural a imunidade de grupo. Mas, para fazer isso, repito, é essencial proteger os grupos de risco”, teima Pedro Simas.

O vírus está aí

Devemos (ou podemos) então comparar Portugal com outros países da Europa – com Espanha ou Itália, por exemplo, que têm registado uma variação diária de novos casos inferior à nossa –, quando tomámos diferentes medidas em diferentes alturas? “Portugal teve uma primeira vaga muito pequena, houve um pico e houve um decréscimo. Claramente, houve um controlo muito precoce da infecção que resultou”, contextualiza o virologista. E o padrão foi mais ou menos igual em todos os países que adoptaram medidas. “Conseguiram controlar o número de novos casos, ou seja, a disseminação do vírus.”

No entanto, Pedro Simas admite que hesita em afirmar que, enquanto os outros países estão a baixar, estamos a observar agora uma evolução contrária em Portugal. “Ainda

é muito cedo. Há uma coisa que é inequívoca: com o aumento da movimentação das pessoas e do número de contactos vai aumentar o número de casos”, diz. Mais do que o expectável, o cientista afirma que “é inevitável”. Porquê? Porque o vírus está aí e porque, ao mesmo tempo, a nossa imunidade de grupo parece estar ainda em níveis muito baixos. Apesar de ainda não existirem dados definitivos sobre este indicador, os cálculos dos especialistas levam a estimar que apenas entre 2% a 3% da população esteja imune. Este valor será superior em países como Espanha, Itália ou Reino Unido que tiveram uma primeira vaga maior e que foram vítimas de um pico mais violento na sua onda epidémica.

Em resposta ao PÚBLICO Gabriela Gomes, matemática especialista em epidemiologia que se tem dedicado à análise da evolução deste problema de saúde pública, é mais ainda taxativa: “Continuo a pensar que a gestão da pandemia em Portugal tem sido ótima. Conteve-se o primeiro embate, evitando uma grande subida de casos. A circulação do vírus atingiu um nível que esteve ligeiramente abaixo da sobrecarga do Serviço Nacional de Saúde, mas não mais.”

E agora estamos a pagar a factura de um confinamento precoce com um aumento dos novos casos? “Penso que não. Os dados têm de ser analisados por região. A região mais afectada antes e durante o confinamento foi o Norte do país. Já a região de Lisboa e Vale do Tejo foi relativamente menos atingida nas primeiras fases, mas está a ter um aumento de casos desde o início do desconfinamento”, responde a cientista da Universidade de Strathclyde (no Reino Unido). Este padrão, adianta, “é muito sugestivo de imunidade de grupo”. Gabriela Gomes conclui ainda que sobra “uma ideia de que o Norte poderá já ter atingido alguma imunidade de grupo, mas Lisboa e Vale do Tejo ainda irá a caminho”. Para Pedro Simas, mais do que o resultado da viagem do vírus e do rasto da imunidade de grupo (que, na sua opinião, ainda é muito reduzida nas duas regiões), o que estamos a ver agora mais a sul é o resultado de surtos muito localizados.

Naquele que parece ser um sinal de optimismo, o primeiro-ministro anunciou esta terça-feira que os centros comerciais em Lisboa têm ordem para abrir a partir da próxima semana, dia 15 de Junho. E a directora-geral da Saúde já fez saber que apoia a medida. “Parece-me que estão criadas condições para que possam abrir. A grande maioria dos casos positivos em Lisboa e Vale do Tejo está identificada”, disse Graça Freitas, acrescentando que acredita que não existe “um risco muito grande de transmissão da doença”.

Cuidar do futuro

Independentemente das diferenças nos olhares para a situação actual e de se estar mais ou menos inquieto com o presente, é preciso ter cuidado no futuro. Assim, e se tirarmos da equação a região do Norte e agora a de Lisboa e Vale do Tejo, resta-nos um país menos afectado pela covid-19 e, por isso, (ainda) mais desprotegido. “Precisamos que saiam os resultados dos inquéritos serológicos que estão a ter agora início para testar esta teoria, mas, se estiver correcta, serão as regiões que foram menos afectadas até agora que precisarão dos maiores cuidados. Além disso, sabemos que algumas dessas regiões são as favoritas para o turismo”, observa Gabriela Gomes. Certifica ainda que “quanto mais imunidade existir numa comunidade, menor será o risco de novos surtos durante e após o desconfinamento”.

Sobre o futuro Pedro Simas refere que a forma como o inevitável aumento do número de casos vai ser (ou não) controlado depende sobretudo “do nosso comportamento”. “Ainda não sabemos muito bem o que acontece além dos 20% de imunidade de grupo. O que define isto tudo é a percentagem da população que está imune. Há um número que vai levar ao equilíbrio e à paragem da pandemia. Estima-se que seja entre os 60% e os 70%”, explica o virologista. Se olharmos para o exemplo de Nova Iorque, onde se julga que 20% dos habitantes terão imunidade, vemos um desgoverno que nos prova que essa está ainda longe de ser uma meta ideal ou desejada.

Então, como garantir que o inevitável aumento em Portugal é controlado? “Agora, o nosso Serviço Nacio-

nal de Saúde está mais bem preparado, temos os testes, mais conhecimento e, se conseguirmos proteger os grupos de risco, a nossa esperança é conseguir desconfinar com regras e evitar o descontrolo.” O que seria um sinal do descontrolo? Um aumento das mortes, dos casos clínicos (internamento e cuidados intensivos) e uma sobrecarga do Serviço Nacional de Saúde.

Em vários países europeus registam-se “sinais positivos”, mas “a maior ameaça é a complacência”, disse esta semana o director-geral da OMS. É preciso manter uma vigilância activa, pediu Tedros Ghebreyesus aos governos, juntando o tal conselho para que “não tirem o pé do acelerador” nas medidas de combate ao vírus. O risco de despiste é grande e estamos todos a bordo.

acfreitas@publico.pt

Quanto mais imunidade existir numa comunidade, menor será o risco de novos surtos durante e após o desconfinamento

Gabriela Gomes
Investigadora